



Arranjos de saudade

Memória Festivais universitários de MPB reuniram músicos de todo o país nos anos 1960

“Não desdenhe deste arranjo/ Que desta saudade eu manjo/ Na minha nuvem não mora qualquer anjo”. Depois de terminar a apresentação da música *Sim ou Não*, o cantor e compositor Raul Ellwanger e seu conjunto, Os Redondos, foram aplaudidos de pé pela plateia que lotava o Salão de Atos da UFRGS naquele junho de 1968. Na época com 20 anos e cursando direito na PUCRS, ele ainda não estava acostumado com grandes públicos, como aquele que prestigiava a final do I Festival Universitário de Música Popular Brasileira. O que não foi um problema: “Eu era bastante jovem, mas bastante cara de pau”.

Esse foi o primeiro dos três eventos carinhosamente apelidados de “Festivais da Arquitetura”, pois foram organizados por estudantes da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Eram festivais universitários competitivos de composições de MPB, realizados no formato que, na época, já era usual no centro do país: os compositores enviavam uma fita com a música que desejavam inscrever e os selecionados participavam de audições eliminatórias. Os que passassem se apresentavam em uma noite final.

Nessa primeira edição, o evento foi transmitido ao vivo por diversas emissoras de rádio e pela extinta TV Piratini. Os músicos contavam com o apoio de uma orquestra formada por instrumentistas da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Osipa), sob regência do maestro alemão Alfred Hulsberg. Das 36 canções finalistas, 13 foram premiadas; entre elas estava *Sim ou Não*, de Raul.

No segundo Festival da Arquitetura, em 1969, o cantor e compositor teve novamente uma música classificada. Entretanto, desta vez, não pôde comparecer. “Se eu me apresentasse ia ser preso. Estava foragido. Eles estavam me esperando lá e iam me pegar, os cidadãos aqueles”, ironiza sobre os militares.

Depois da instauração do Ato Institucional número 5, em dezembro de 1968, artistas viveram momentos difíceis no país. Raul, que participava ativamente da movimentação política contra o regime, teve que se exilar. César Dorfmann, compositor, arquiteto e amigo de Raul, lembra

com aperto das preocupações por que passou: “Ele estava no Chile, depois foi para a Argentina, mas a gente não tinha notícia aqui. O Raul costumava jogar futebol durante um tempo comigo [antes do exílio]. Depois da abertura, o pessoal foi jogar num sábado à tarde e aparece o Raul. Bah! Foi uma choradeira, porque eu imaginava que ele já estava morto”.

Estudante de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, César teve duas músicas premiadas no festival de 68. Os compositores vencedores tiveram suas canções gravadas no formato de LP, no Rio de Janeiro, por vozes conhecidas da música popular brasileira naquele momento, como Paulo Marques, Mércia e Junaldo. “Foi a glória, né? Comecei como compositor já com duas músicas gravadas”, recorda.

O festival de 69 teve uma organização mais alinhada ao tropicalismo, que estava em ebulição no país. César evoca um grupo de estudantes da USP que se apresentaram vestidos de astronauta: “Esses caras fizeram uma bagunça no palco: eles entraram com uns pacotes de talco e começaram a atirar, fizeram uma nuvem. Só que isso foi parar nos músicos da orquestra. Daí eles levantaram e foram embora, porque estava estragando os instrumentos”.

César, cujo estilo musical discreto não se enquadrava nos excessos tropicalistas, não foi classificado para a final em 1969. Ele confessa que ficou chateado, mas nem por isso deixa de reconhecer a importância que ambos os festivais tiveram para a música gaúcha. “Pela TV, víamos

ao vivo e com muita frequência festivais e programas de MPB realizados em São Paulo e no Rio. Só podíamos ficar bebendo e, ao mesmo tempo, sonhando com o dia em que também estaríamos participando em festas semelhantes. O anúncio do Festival da Arquitetura abria uma fresta para a possibilidade deste sonho, e de imediato já estávamos sonhando”, escreve ele em sua participação no livro *UFRGS Identidades e Memórias: 1934-1994*.

“No famoso DAFA, tinha uma mesa xadrez e umas cadeiras em volta. Era uma sala. Começou com cinco e daqui a pouco tinha 70, 80 pessoas”

Raul Ellwanger

Começo – Anos antes dos festivais, logo após o golpe militar, em 1964, rodas de samba já ocorriam toda sexta-feira à noite no Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura (DAFA), muitas delas frequentadas por Raul Ellwanger. “O pessoal tomava um vinho, tocava um violão, mostrava músicas,

namorava. Ali, a gente se sentia acolhido, tinha com quem falar, pelo menos. No famoso DAFA, tinha uma mesa xadrez e umas cadeiras em volta. Era uma sala. Começou com cinco e daqui a pouco tinha 70, 80 pessoas”, relembra. Também no cruzamento das ruas Sarmento Leite e Oswaldo Aranha, mas do outro lado da rua, a “esquina maldita” reunia jovens dispostos a conversar sobre política, cultura, arte e música. Dentro do Câmpus Centro da UFRGS, no Bar da Filô, “se discutiu até o sexo de Nossa Senhora de Caravaggio”, diverte-se Raul. Todos esses pontos de encontro despontavam como uma espécie de válvula de escape à falta de liberdade de expressão imposta pelo regime.

O interesse por eventos musicais foi crescendo e os alunos da Arquitetura passaram a organizar, a partir de 1965, festivais não competitivos de MPB que ficaram conhecidos como Arquisamba. Estes trouxeram para o palco do Salão de Atos da UFRGS e do Cinema Cacique, na Rua dos Andradas, – locais onde aconteciam as apresentações – grandes nomes da música brasileira, como Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Nara Leão e Edu Lobo. “Essa geração toda, que hoje são os papas dos mais jovens, praticamente começou em festivais”, conta César. No total, cinco Arquisamba foram realizados, sendo o último em 1968, mesmo ano do primeiro Festival da Arquitetura. “Das rodas de samba foi para o Arquisamba e deste resolveram fazer um festival nacional. Foi uma coisa muito bonita! Veio muita gente de todo o Brasil.

Os coitados vinham do nordeste, desciam no aeroporto com camiseta sem manga e quase morriam com o frio aqui em Porto Alegre. Teve um cara que foi parar no hospital, até, com indício de pneumonia”, lembra.

O último – A ideia do DAFA era tornar o Festival da Arquitetura anual, mas, após a edição de 1969, a situação política do país se complicou e o terceiro só foi acontecer 14 anos depois, em 1983. César novamente participou, mas como organizador. A iniciativa, orgulha-se, saiu de dentro de seu escritório de arquitetura – muitos dos estudantes que estagiavam com ele eram da UFRGS. Entre um projeto e outro, certo dia, ele contou aos estagiários suas histórias sobre os Festivais da Arquitetura. “Os caras pararam de trabalhar e sentaram ao redor da minha mesa para ouvir. Vários deles eram do diretório. Uns dias depois eles trouxeram a direção do DAFA e disseram: “Nós queremos fazer outro festival”.

O evento do início dos anos 1980 mais uma vez lotou o Salão de Atos e mobilizou jovens compositores de todo o país. O sucesso, entretanto, não é opinião unânime entre os amigos. “O César, coitado, fez todo um esforço, mas já não correspondia à época. Não adianta inventar. É que nem voltar a namorar a namorada de quando tinha 15 anos. Não rola mais”, brinca Raul.

Henrique Moretto,
estudante do 8.º semestre de
Jornalismo da UFRGS



Em apresentação no Salão de Atos, Raul Ellwanger com Homero Lopes ao violão e Alfredo Holzberg na regência da orquestra